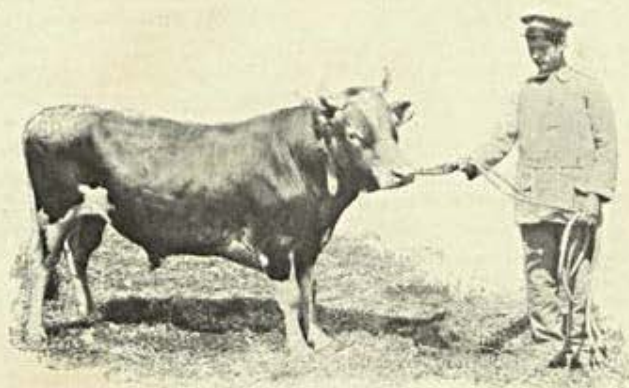


# BRASIL-PORTUGAL

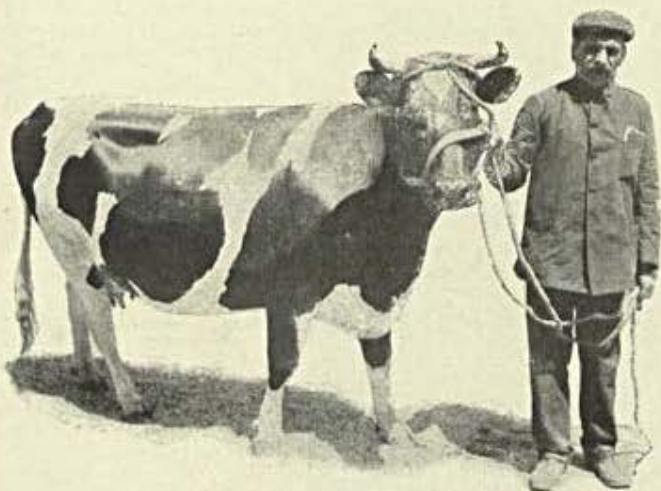
16 DE MAIO DE 1905

N.º 152

## A Exposição Agrícola na Real Tapada da Ajuda



*Touro Diamante, raça Jersey, pertencente à ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> condessa de Penha Longa*



*Vaca Guilhermina, pesando 833 kilos (Marinha Grande)*



*Vaca Camélia e a cria pertencente ao sr. dr. Feijão*



# Congresso e Exposição de leitaria, olivicultura e industria do azeite

**L**ISBOA acaba de reunir nas magnificas salas da Sociedade de Geographia, n'um brilhantissimo Congresso, os agricultores portuguezes mais directamente interessados na industria dos lacticinios e do azeite, inaugurando simultaneamente na Real Tapada da Ajuda uma notavel Exposição de lacticinios, de azeites, da alfaia agricola correlativa d'estas industrias e das raças de vacas, ovelhas e cabras empregadas em Portugal na exploração do leite.

Outro tanto valeria dizer, que a Real Associação Central da Agricultura Portugueza, organisadora d'estes certamens, conseguiu alliar a theoria á pratica, discutindo ideias geraes no Congresso, e exemplificando ou demonstrando a verdade das suas affirmações ou a justiça das suas aspirações ou votos na Exposição.

Concederam Suas Magestades a Sua alta protecção a estes certamens e raro terá succedião o resultado final do empreendimento corresponder tão bem ao elevado patrocínio, mas, nem d'outro modo poderia succeder quando os soberanos portuguezes fossem como foram os primeiros congressistas e os primeiros expositores!

As palavras do Soberano ao inaugurar o Congresso e na abertura da Exposição mostram-no como o congressista mais estudioso, vendo com superior criterio o largo alcance dos trabalhos d'esta natureza; os gados e productos agricolas que Sua Magestade apresenta na Exposição, demonstram, o que aliás já é bem conhecido, a especialpredilecção que o Rei de Portugal consagra á agricultura e a maneira superior como dirige as suas lavouras e o espirito de progresso que preside ás suas explorações agricolas.

Promovidos pela Real Associação Central da Agricultura Portugueza estes certamens devem sem duvida uma grande parte do seu exito aos seus organisadores, á Direcção da Real Associação e aos agricultores portuguezes, que pressurosos accorreram a desenrolar, na Exposição, o quadro da situação actual das suas explorações lactigenas e oleícolas, e a formular no Congresso os votos e aspirações de todos elles, para o mais rapido e perfeito desenvolvimento d'estas industrias e para a completa emancipação do paiz da importação de lacticinios e de azeites estrangeiros.

Valioso auxilio, permitta-se me que o registre, encontraram os seus iniciadores, nas Sociedades das Sciencias Agronomicas de Portugal e dos Medicos-veterinarios. E, se o Congresso e a Exposição representaram a theoria e a pratica agricola, os agricultores e os agronomos e veterinarios representaram a alliança consagrada dos praticos e dos theoreticos!

Na nossa opinião estão aqui os resultados mais notaveis do Congresso e Exposição de leitaria, olivicultura e industria do azeite.

Accumulam-se na Exposição os elementos necessarios para n'um rapido inquerito, registrar ou fixar o estado actual d'estas industrias; completa-se com os relatorios das diversas secções do Congresso o quadro ou o horizonte donde se destaca este inquerito; avulta das conclusões do Congresso a justissima aspiração dos agricultores portuguezes para verem desenvolver com exito e rapidez dois ramos de industria, os lacticinios e os azeites, que tanto pesam na balança da nossa economia geral, e da economia agricola em particular. A Exposição serve de demonstração ás aspirações do Congresso.

Por outro lado, agricultores, agronomos e veterinarios, dando se as mãos, congregando os seus esforços, reúnem em notaveis monographias, os problemas mais importantes da economia rural dos leites e da oliveira, pintam nos paysagens fidelissimas da situação d'essas industrias em Portugal e nos paizes mais avançados em cultura intellectual e em cultura agricola, e d'ellas fazem resaltar em conclusões breves, syntheticas, mas precisas e justas, as aspirações da nação agricola desejosa de progredir, e de assim concorrer para a consolidação da sua independencia e liberdade!

Tres excursões completaram os trabalhos dos congressistas.

A primeira foi a visita ao Sanatorio de Lisboa, installação feita pela benemerita Associação protectora da primeira infancia, onde houve occasião de vêr o papel importante que o leite representa na alimentação das creanças e o quanto pôde a iniciativa e a caridade particular.

A segunda excursão foi á Quinta da Cardiga, propriedade do abastado lavrador o ex.<sup>mo</sup> sr. Luiz de Sommer, onde se encontram os mais aprimorados exemplares das mais finas raças leiteiras do paiz e do estrangeiro, a par de magnificas installações para estes animaes e para o fabrico de manteiga e de queijos, alguns dos quaes são bem conhecidos e apreciados em Lisboa.

Finalmente a terceira foi a Almeirim, aos legares de azeite das ex.<sup>mas</sup> condessas de Sobral e da Junqueira, officinas notaveis, onde se fundem enormes quantidades de azeitona, nos machinismos mais modernos e apresentando azeites da mais fina qualidade.

As impressões da exposição succedem se as discussões do congresso, ás quaes por sua vez se juntam as conversações entre congressistas, as relações que resultam das viagens em commum, o *entrain* que acompanha os *toasts*, n'uma palavra, uma effervescencia notavel no seio da agricultura portugueza, claramente manifestada n'um dos seus votos, approvados por aclamação: da importancia da agricultura portugueza deriva desde já a necessidade de concentrar os serviços publicos que lhe pertencem n'uma nova Secretaria de Estado, o Ministerio da Agricultura, que d'elles cure com o espirito de continuidade que merecem e exigem para o seu exito completo.

M. de 1905.

AMANDO DE SEABRA.



Cliché de A. Lima.

Exposição Agricola na Tapada da Ajuda.— Uma installação do sr. Francisco Sommer



# POLITICA INTERNACIONAL

Depois da batalha de Mukden a situação militar entrou na Manchuria em um período de relativa tranquilidade, que os dois adversários aproveitam para se prepararem para a próxima batalha, que tudo leva a crer será a decisiva n'esta guerra. Segundo todas as presumpções será nas vizinhanças de Karbin que o marechal Oyama se apresta para vibrar o golpe final ao exercito russo. E que o conseguirá, ninguém o duvida depois do que n'esta campanha tem acontecido. Demais d'esta vez a superioridade numerica dos japonezes é esmagadora. Ora se elles venceram sempre, mesmo quando estavam em minoria, como não hão-de continuar com os seus triumphos, agora que os effectivos com que contam tão superiores são ás tropas do general Linievitch?

Por este lado parece nos, pois, a situação simplificada. A proxima batalha de Kharbin deve concluir o aniquilamento do exercito russo e ter como resultado, segundo todas as probabilidades, a paz. Tralalia mesmo com certeza se um novo factor não tivesse vindo momentaneamente perturbar o curso dos acontecimentos, taes como se estavam desenrolando no Extremo Oriente.

Este novo factor foi a esquadra russa do Baltico. Tantas vezes se havia affirmado, que esta esquadra se não abalançaria a entrar nos mares da China, tão vagarosa tinha sido a sua viagem até Madagascar, e depois tão continuada a sua estada nas agoas d'esta ilha, que tinham todos acabado por acreditar, que o almirante Rojdestvensky voltaria á Europa sem combater, evitando por uma prudente retirada a destruição dos navios, que lhe haviam sido confiados. Não só esta era a opinião corrente nos principaes centros militares europeus mas tambem o era na propria Russia, onde a imprensa, inspirada pelas prophcias do capitão Klado, sustentava que devia dar-se sem demora á esquadra do Baltico ordem de regressar a Cronstadt.

Chegou até a annunciar-se que a ordem fôra dada; e quando se teve a noticia de que o almirante Rojdestvensky sahira de Madagascar para destino desconhecido, ninguém duvidou nem por um momento que esse destino fosse a Europa.

De repente, porém, sabe-se um bello dia que os navios, que se suppunha de volta á Russia, acabavam de passar o estreito de Malacca, dirigindo-se para o norte, isto é, para o mar da China.

Não ha duvida agora. A Russia manda ao encontro do Japão a sua ultima esquadra onde vae a sua unica esperanza. Se é acto de heroismo ou de loucura, um breve futuro o vae dizer. O que pôde no entanto afirmar se é, que com esta determinação do governo de S. Petersburgo caíram outra vez todos os rumores da paz, que ao que se vê está agora dependente da boa ou má fortuna do almirante russo.

Se Rojdestvensky é vencido a paz virá immediatamente, tanto mais que o resultado da batalha por terra para ninguém se apresenta duvidoso, nem para os proprios russos. Se vence, porém, a guerra entra n'uma phase nova e difficil será prevêr as peripecias, que a assinalarão.

Mas vencerá? Tudo é possível nos azares de uma batalha, sobretudo de uma batalha naval. Mas as probabilidades são todas até agora a favor de Togo. E se a Russia fôr vencida n'este supremo recontro, o que perde não tem comparação com o que poderia ganhar no caso de a sorte das armas a favorecer.

A viagem da esquadra de Rojdestvensky e a sua demora em portos do Annam deu já causa a um certo numero de complicações internacionais com a França, que ainda não estão completamente resolvidas, e que se não sabe mesmo que resultado possam vir a ter.

No Japão a opinião publica está profundamente irritada contra o sr. Delcassé, a quem accusa de estar violando a neutralidade a favor da Russia, chegando os órgãos mais exaltados a formular violentas ameaças contra a republica. Ao mesmo tempo o ministro do Japão em Paris protesta contra a continuação da estada da esquadra russa em agoas francezas. Este incidente, que, se não fôra o accordo anglo-francez, já se teria perigosamente aggravado, é em todo o caso bastante desagradavel, porque deixa a semente de futuros conflictos. Ainda se a esquadra japoneza vence, a questão cae naturalmente por si. Mas se a esquadra russa alcança algumas vantagens, que se possa attribuir ao auxilio que recebeu nos portos francezes do Extremo Oriente, o conflicto renasce, não pôde sobre este ponto haver duvida, e ninguém sabe até onde chegará. E' uma horrorosa eventualidade a batalha; mas já que tem de ser, Deus a traga quanto antes, para simplificar a situação. Este estado de incerteza só pôde tornar mais cheio de perigos ainda o desenlace final.

A crise sueco noroegueza attingio o seu periodo decisivo com a rejeição pelos noroeguezes das propostas conciliadoras do principe regente. Pôde dizer-se que virtualmente o pacto da união está desfeito. Um unico meio haveria para que a união subsistisse e era o emprego da força por parte da Suecia. A este meio, porém, não se recorrerá, porque em Stockholmo intendem e com razão, que uma guerra civil seria n'este momento muito mais fatal para os interesses da peninsula escandinava do que a completa independencia da Noroega.

Talvez mesmo que com esta independencia se adiante mais a causa da união dos tres estudos nordicos do que com o actual *statu quo*.

Os estados escandinavos são vulneraveis e estão ameaçados por dois pontos — pela Dinamarca e pela Noruega. A' Dinamarca ameaça a expansão da Alemanha. A' Noruega ameaçam-n'a as ambições da Russia e a necessidade que esta nação tem de alcançar a todo o custo um porto livre no Atlantico. Sobretudo, depois dos ultimos desastres no Extremo Oriente, em que os russos estão ameaçados de perderem o contacto com o Pacifico, augmentou para elles a indispensabilidade de encontrarem compensação por outro lado. E a melhor compensação para elles vê se bem que seria no Atlantico. A politica de russificação da Finlandia foi o primeiro passo dado n'esta direcção.

Ora, se as nações escandinavas se conservarem divididas, facilmente serão presa dos dois poderosos potentados, que esperitam a occasião mais azada para realisarem os seus intentos. A Dinamarca já teve na guerra dos ducados a triste experiencia do que lhe valeu o isolamento.

Se se unirem, pelo contrario, por um tratado de alliança offensiva e defensiva, os tres reinos formarão um poder militar capaz de impôr respeito. São quasi doze milhões de homens, altamente civilizados, animados do mais acrisolado patriotismo, que não será facil vencer, quando defendam os proprios lares.

Se a independencia da Noruega facilitar melhor o caminho do que o actual *statu quo* para a alliança dos tres reinos escandinavos, em vez do desastre que em Stockholmo se prevê, podem elles, pelo contrario, melhor acautellar os seus interesses.

Em que estado se encontra a questão de Marrocos? Não é facil, para os que não estão no segredo das chancellarias, responder a esta pergunta. Factos positivos ha apenas a partida para Fez da missão allemã, e a proxima partida para a mesma cidade da missão ingleza. O que significam, na presente conjunctura, estas duas embaixadas, e que alcance pôde ter o que vão tratar com o sultão? Dentro de algum tempo, quando ambas voltarem a Tanger, ou pelo menos uma d'ellas — a allemã — se saberá.

O conde de Tattenbach, n'uma entrevista que corre a imprensa europeia, declarou que o seu fim, ao apresentar-se ao sultão, é apenas agradecer-lhe a maneira como Guilherme II foi recebido pelas auctoridades marroquinas, e repetir-lhe as declarações feitas pelo Kaiser ao enviado especial de Abd-ul-Aziz. De resto, accrescenta o chefe da missão allemã, não tem que fazer proposta alguma ao sultão, e, embora a Alemanha apoie com alvorço a iniciativa de qualquer potencia para a reunião de uma conferencia internacional a fim de se resolver a questão de Marrocos, não tomará ella propria essa iniciativa.

Na entrevista, a que nos referimos, ha apenas uma parte enigmatica. Diz o conde de Tattenbach que vae encarregado de repetir ao sultão as declarações feitas por Guilherme II em Tanger ao enviado especial de Abd-ul-Aziz. Mas quaes declarações? Se são as conhecidas já, o facto de as repetir em Fez agrava mais a questão, porque foram exactamente essas declarações que fizeram subitamente passar a questão de Marrocos ao estado agudo. Em tal caso a missão do conde de Tattenbach, longe de contribuir para apaziguar o conflicto, tão imprudentemente levantado pela Alemanha, mais o aggravaria.

Por outro lado corre imprensa tambem a declaração feita ao correspondente do *Temps* em Tanger pelo sr. Gerald Lowther, ministro da Inglaterra em Marrocos. Segundo affirma este diplomata, a partida immediata da missão ingleza para Fez não tem por fim a apresentação das credenciaes ao sultão, por isso que estas credenciaes sómente para o proximo outomno serão apresentadas, mas sim obedece a instruções muito precisas do gabinete de Londres, que o ministro em questão não nos diz quaes sejam, mas que sem grande esforço podemos suspeitar a que se referem.

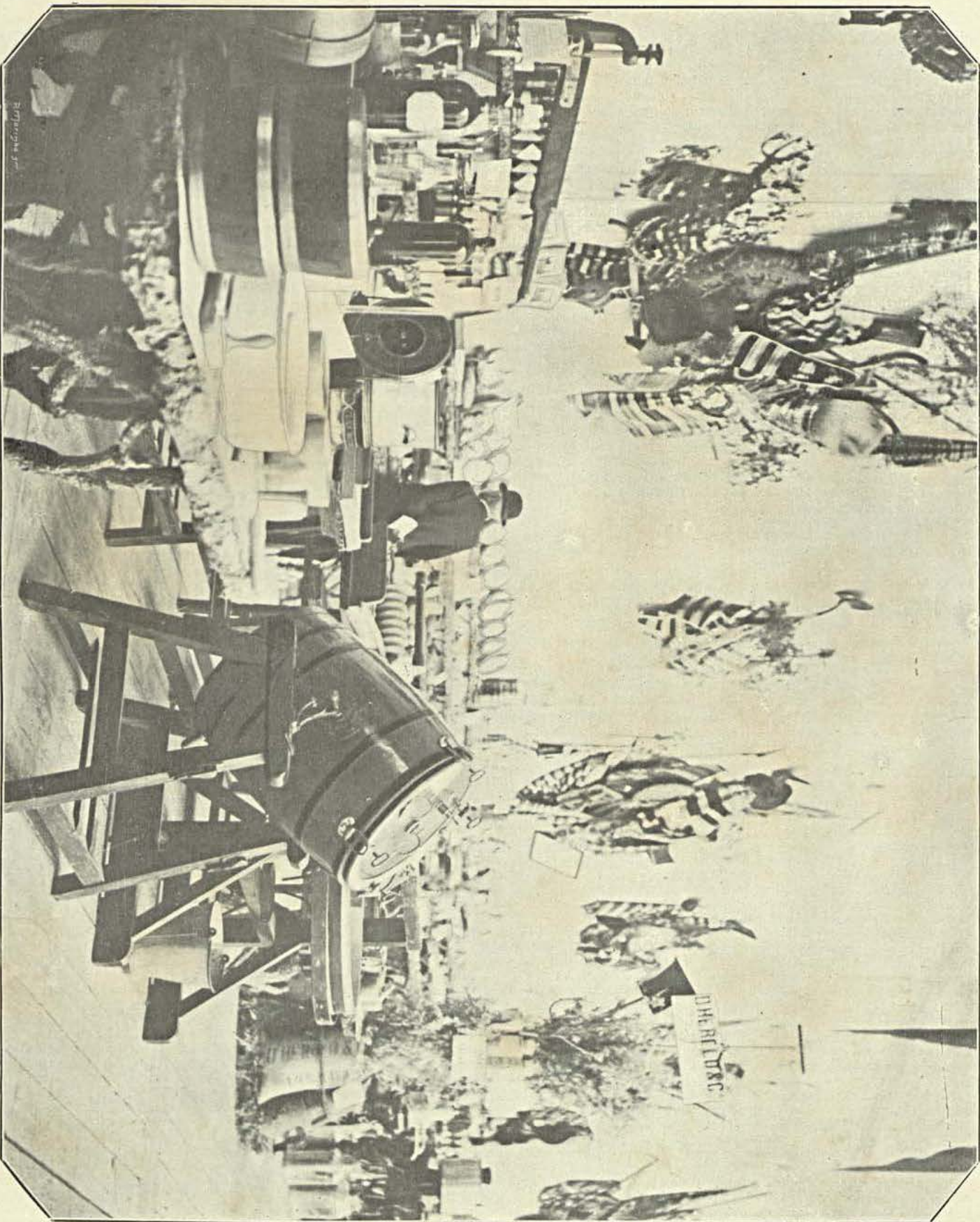
E' evidente, apesar das affirmações em contrario da imprensa officiosa allemã, que a Inglaterra se prepara, nos termos de uma das clausulas do tratado de 8 de abril, para intervir diplomaticamente com toda a energia a favor da acção da França junto do sultão. Mesmo sem a declaração de sir Gerald Lowther se podia prevêr esta intervenção, que aliás estava nitidamente indicada pelas visitas de Eduardo VII á França, e pelas entrevistas do monarcha com o presidente da republica e com o sr. Delcassé.

Assim, o isolamento da Alemanha no incidente marroquino cada dia se accentua mais. A arremetida do Kaiser encontra em primeiro lugar pela frente a opposição decidida da França e da Inglaterra, unidas pela *entente cordiale*. Encontra mais, senão opposição declarada, pelo menos uma significativa reserva por parte da Italia e da Espanha, respectivamente ligadas ao actual *statu quo* em Marrocos pelos accordos franco italiano e franco espanhol. Pois, apesar d'isso, a Alemanha continúa a persistir na sua primitiva attitude, evitando entender-se directamente com a França, que pela segunda vez a convidou, sem resultado, a abrir com ella uma conversação diplomatica sobre o assumpto.

Esperará o chanceller allemão, para definitivamente orientar a sua politica marroquina, pela volta a Tanger da missão do conde de Tattenbach, que lhe dirá a atmospheria que encontrou em Fez e o acolhimento que tiveram os seus *agradecimentos* ao sultão?

Tudo o leva a crer.





Clicé de A. Lima.

**Congresso de laticínios, olivicultura, e indústria do azeite.** — *Uma instalação da Exposição Agrícola da Tapada*



# Padre Antonio d'Almeida

\*Souvent femme varie,  
\*Bien fol est qui s'y fie!

Nem todas as minhas veneradas leitoras e mui conspicuos leitores saberão *la clef du mot*: (*atício-lhes aqui este francez para temperar os latinzes supra exarados, e demonstrar aos desamadores da lingua mãe que tambem por cá se quer bem á gentil filha*) — nem todas, redigo, saberão a origem do

\*Muito a mulher varia;  
\*Tolo quem n'ella se fia!

Vá de conto que é mais attractivo.

Margarida, rainha de Navarra, planeára uma festival com que intentava distrair seu regio irmão, Francisco 1.º, de França. Foi isto em julho, n'um dia espendido de sol almo, e a festa havia de realizar-se no dia seguinte.

Andava triste, sorumbático até, o tão alegre e galante Francisco 1.º! Uns attribuiam isso á falta de sorte d'elle na guerra com os hespanhoes; outros cuidavam porém que fosse coisa de amores pouco confessaveis...

O dia aprasado para a festival amanheceu sorumbático, velado por nuvens, tornando-se pouco depois carrancudo, para logo após se desfazer em torrencial chuva!

Emparelhava muito bem com o aspecto de Francisco 1.º.

Calcula-se o *ferro* que tal dia poz no animo de Margarida de Navarra, que era doida por festivaes grandiosas, bem lédas, ruidosas...

Para se desaborrecer algum tanto, e para ver se distrahia o seu querido e regio irmão, lembrou-se de ir intrepicar com elle...

E dirigiu-se logo para os aposentos particulares do rei.

Francisco 1.º tinha determinado que não deixassem entrar fossa quem fosse, mas Margarida de Navarra entrou *quand même*, e por isso apanhou o rei em flagrante delicto de occultar com a cortina da janella qualquer coisa que com um diamante acabava de gravar na vidraça molhada pela chuva torrencial.

— Que maldade escondeu alli com aquella cortina o meu querido irmão e rei?

— Uma brincadeira... sem importancia.

— Sem importancia!! mas eu leio o contrario no rubor das tuas orelhas e faces! Será coisa tão grave e feia que eu não possa vela... sabel a?! Vá lá, meu querido irmão: deixa-me ver. Olha: ousei *forcer la consigne* e tudo o mais para intentar vir aqui distrahir-te com as minhas garrulices de que tu tanto gostas. Quero-te muito por isso e por tudo, bem sabes. Vá lá: deixa-me ver!... Então?! Que tem que seja uma maldade?! Andas tão triste!... E' seguramente alguma phrase lugubre inspirada por essa melancholia que nos enche de cuidados a todos!...

— Não... Mesmo a minha tristeza é coisa talvez de pouca monta... para os outros. Não vale a pena veres aquillo.

E n'isto ia Francisco 1.º para cerrar o portal da janella: mas Margarida de Navarra tomou-lhe o passo, e, rapidamente, deitou a mão á cortina, descobriu a vidraça e leu:

\*Souvent femme varie,  
\*Bien fol est qui s'y fie!

— Oh! E' um crime de lesa magestade, isto! — e, depois de ficar uns momentos de sobrelha carregada, accrescentou, já desanuviada:

— Basta porém mudar-lhe umas palavras para ficar certo:

Souvent homme varie,  
bien folle est qui s'y fie!

e para comprovar o que affirmo posso citar dezenas de exemplos da inconstancia dos homens!

— Basta apenas que me cites um unico de constancia e fidelidade das mulheres, — replicou Francisco 1.º bruscamente, accrescentando: — e não me provoques, n'este campo, que é melhor...

— Senhor! — disse-lhe Margarida de Navarra, formalizada já: — vossa magestade para que me aponte uma unica nobre dama que tão mau conceito mereça!

— O quê?! Então nem Luiza de Lagny?!... — perguntou-lhe ironicamente o rei.

Esta pergunta esmagou Margarida de Navarra! Porquanto: Luiza de Lagny, uma das mais bellas e dedicadas damas do Paço de Margarida de Navarra, por esta preferida a todas as outras, por todos tida e havida na conta de virtuosissima, parecia a todos que tinha dado em *droga*!

E foi o caso!

Casára por amor Luiza de Lagny com Enguerrand de Lagny, fidalgo da corte de Francisco 1.º.

Este, tendo-lhe sido dado o commando d'um forte na guerra com Carlos Quinto, foi accusado de ter entregado esse forte aos hespanhoes, e por isso foi encerrado n'uma prisão.

Luiza de Lagny esteve por isso um anno entre a vida e a morte.

Um bello dia Luiza de Lagny desapareceu, tendo levado consigo todas as suas joias e dinheiro, e tambem o seu pagem Robin-Le-



Padre e «sportman». A primeira espingarda da região e o primeiro príngedor de muitas leguas em redor. Mau estomago e boas pernas. N'um torneio pedestre universal ganharia o «grand-prix». Em doze horas prega tres sermões, mata dez perdizes e galga dezeseis leguas. Cantor, enche uma igreja com a voz de barytono, como enche uma sala com o brilho da conversação. Sabe portuguez como um classico, mas todos os humildes o comprehendem. Como Fr. Bartholomeu dos Martyres reparte pelos pobres todas as migalhas do seu pão, e não regateia o do espirito aos ricos... de vaidade. Na Beira tem um lar, tem em Obidos uma igreja, em casa doze espingardas, e no horizonte infinito... a alma. Faz versos, faz historia, faz caricaturas, faz... tudo. Tal a pallida «silhouette» do Padre Antonio, o «Fr. Antonio», que começa hoje a honrar as paginas do «Brasil-Portugal».

Souvent femme varie  
bien fol est qui s'y fie.

Meu bom e culto amigo.

Quer lériass minhas para a sua muito bem feita revista. Os amigos mandam — era o lemma de meu pae, um cordeal, um altruista: (agora já se não diz *caridoso*;) eu enverédo pela orientação da moral d'elle tanto quanto posso. Isto justifica, ou antes — desculpa a minha obediencia ás determinações do meu bom amigo; que, se tal não fôra, não ousara eu hombraear com tantos benemeritos das letras patrias, quantos são os que comsigo collaboram na sua bella revista.

E' um encomio á mulher o que vou aqui gatafunhar-lhe. E' um caso de valor mulheril.

— Um velho! um padre!! um franciscano!!! a escrever mulherilidades...

... — A velhice; o sacerdocio christão; o franciscanismo, são de determinar, nanja de prohibir, o culto da verdade e do bello.

— Um padre! um franciscano a recitar *laudes* ao Marquez de Pombal!! — lembra-se, meu bom amigo?

E' que eu tenho para mim que — a verdade manda Deus que se diga; e a quem me objectar que — nem todas as verdades se dizem, responderei: — mas esta é das que sempre devemos dizer.

Perdõe o episodio.

Cuido que o padre deve ser aquelle que mais ha de envidar esforços para levantar a mulher no conceito humano. E quem, melhor do que o padre, para quem a mulher é um culto e mais nada, o pode fazer?!

Um padre pode e deve pois cantar *laudes* seja a quem fôr, que as mereça. *Vivere amando et benefaciendo*, é dos padres.

*Ama bonum, plora malum*, é uma das minhas regras de moral. E, *sat prata biberunt* a respeito de prato de desculpas, servido n'esta ágapa de repasto espirital...

Vamos ao principal.



roux, e as más linguas diziam *coisas* das relações d'ella com o pagem, que era um gentil rapaz.

Calcula-se pois o effeito que produziu em Margarida de Navarra a ironia com que Francisco 1.º lhe disse — então, nem Luiza de Lagny!

Mas a animosa Margarida nem por isso se deu por batida, e, afirmando a innocencia de Luiza de Lagny, pediu apenas um mez para provar o que affirmava.

— Está dicto: — concordou Francisco 1.º: e accrescentou ironico: — na verdade Luiza de Lagny teve bom gosto por que Robin é um perfeito moço!

Margarida mandou que por toda a parte se buscasse o paradeiro de Luiza de Lagny. Ia quasi no fim o mez apazado, quando Francisco 1.º, *taquinando* mais uma vez a irmã, lhe perguntou o que era feito da De Lagny.

— Uma aposta! replicou Margarida de Navarra: apostemos: e, se eu perder, consinto em que, o meu epytaphio sejam os teus desamáveis versiculos! Porém, se eu ganhar...

— Palavra de rei que parto o vidro, que tanto te enfrenisia, e faço-te tudo o que me pedires!

O caso era o assumpto da época, prevalecendo até ao da terrível guerra com Carlos 5.º.

N'isto recebe Margarida de Navarra uma petição do carcereiro de De Lagny, solicitando uma audiencia para *communicar a sua magestade coisas interessantissimas*...

Recebido pela rainha, apresenta-lhe o carcereiro uma carta de De Lagny na qual este lhe dizia que se ella lhe alcançasse o perdão do rei e concedesse a mercê d'uma audiencia lhe daria os meios para ganhar a aposta feita com o rei.

Margarida de Navarra foi logo perante o rei, e mostrou-lhe a carta, obtemperando a sua magestade: *que não podia sua magestade negar-lhe a graça solicitada n'aquella carta, sob pena de lhe cercar os meios promettidos para a resolução do grande caso da aposta feita*...

Concedeu o rei quanto sua irmã lhe pedia accrescentando mesmo que tambem elle queria assistir á audiencia.

Francisco 1.º estava então nas melhores disposições d'espírito por ter recebido, havia pouco tempo, noticia d'uma grande victoria alcançada pelo seu exercito contra o dos imperialistas. Note-se que o portador d'estas boas novas fora um cavalleiro que, armado em guerra, e de viseira calada lhe apresentara o officio do general em chefe. Este apunha ás predictas noticias o mais caloroso elogio ao portador d'ellas, dizendo mesmo que a esse nobre e valente fidalgo se devia principalmente a grande victoria pela qual tinha o honorissimo prazer de felicitar sua magestade.

Francisco 1.º, que era impulsivo e generoso, mandou ali logo magnificos presentes ao cavalleiro, e disse-lhe que o havia de cobrir d'honras.

Como Francisco 1.º estranhasse que o cavalleiro não tivesse levantado a viseira do capacete, disse-lhe o cavalleiro que pedia d'isso mil perdões a sua magestade, mas que era obrigado a proceder assim por um voto que a Deus tinha feito. Sabe-se bem quanto eram vulgares e sagrados taes votos n'aquelles tempos.

Reatando o fio da narração convem dizer que Margarida de Navarra e Francisco 1.º receberam, como tinham promettido, o preso: qual não foi porém o espanto de suas magestades quando, tendo elle deixado cair uma ampla capa que da cabeça aos pés o encobria, se lhes deparou a propria Luiza de Lagny!

— Traição! — vociferou o rei.

E voltando se para o carcereiro:

— Onde é que está o preso que te entregaram?!...

— O meu senhor! perdão! atalhou com dulcissima e tremendo vos Luiza de mãos postas, e accrescentou:

— Sabeis muito bem, meu senhor, que muitos outros, bem mais espertos do que elle, tem sido enganados por mulheres... Senhor! o meu querido marido tinha cometido um grande crime: soffria o justo castigo d'elle, mas eu sentia um inferno de dores por causa d'isso!

Oh! a deshonra, senhor a idéa da deshonra do meu marido queimava-me como ferro em brasa! Concebi pois a idéa de facultar a meu marido os meios para a regeneração. Foi Deus que me inspirou, senhor! Consegui que se deixassem ficar a sós, na prisão, com o meu marido...

Depois elle vestiu os meus vestidos, e eu os d'elle.

Ao cerrar da noute era a hora determinada para eu sahir da prisão: vossa magestade calcula perfeitamente que foi elle quem sahio, e eu quem ficou.

Meu marido foi para o exercito, bateu-se com denodo por vossa magestade.

O mais sabe-o já vossa magestade...

— Eu! — apostrophou o rei.

— Vossa magestade, sim, meu senhor. O cavalleiro de negro e sempre de viseira calada que ha pouco teve a dita de beijar a mão a vossa magestade e de lhe entregar os despachos do general em chefe...

— Elle?! — exclamou Francisco 1.º.

— Elle proprio, meu senhor. A viseira sempre calada era realmente um voto, mas n'esta occasião foi tambem uma necessidade...

E, assim dizendo, Luiza de Lagny cahiu de joelhos aos pés de Francisco 1.º:

Margarida de Navarra joelhou tambem...  
Calcula-se bem o resto.

— Então ganhei, ou não ganhei a minha aposta?!

— Ganhas-te, minha queridissima irmã. E' agradabilissimo proceder assim!

Quero que se façam brilhantes festas para celebrar o caso, e para reappresentar Enguerrand de Lagny.

Quero justas, torneios, corridas... tudo.

E vou já partir o vidro escandalisante...

Durante a grande festival, cujos premios ganharam quasi por completo Enguerrand de Lagny, comprehende-se bem que todas as vistas e admirações convergissem para a modelar Luiza de Lagny...

Ninguem como as mulheres para as grandezas cordeaes! — Quando ellas querem!...

E aqui tem o meu bom amigo um bello episodio da vida do rei galante, que Victor Hugo celebrou. E n'este episodio a consagração publica de grandes virtudes quaes são:

— O amor conjugal:

— A amizade:

— A regeneração:

— A clemencia régia.

E até mesmo os caprichos femeninos. Oh! As mulheres, quando lhes dá para o bem até dos seus caprichos fazem... o que fez Margarida de Navarra! Sem cuidados.

FRY ANTONIO.

## A confessada

Era tão linda assim, ajoelhada,  
As mãos unidas com suave gesto,  
Os olhos baixos, e um sorrir modesto  
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto  
Ella curvara a fronte delicada,  
E dizia-lhe baixo e socegada  
De sua vida o deslizar honesto.

Mas subito uma nuvem côr de rosa  
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteoro!  
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovlace,  
Essa palavra — amor — em letras de ouro  
Traçadas no carmim da sua face.

Gonçalves Crespo.



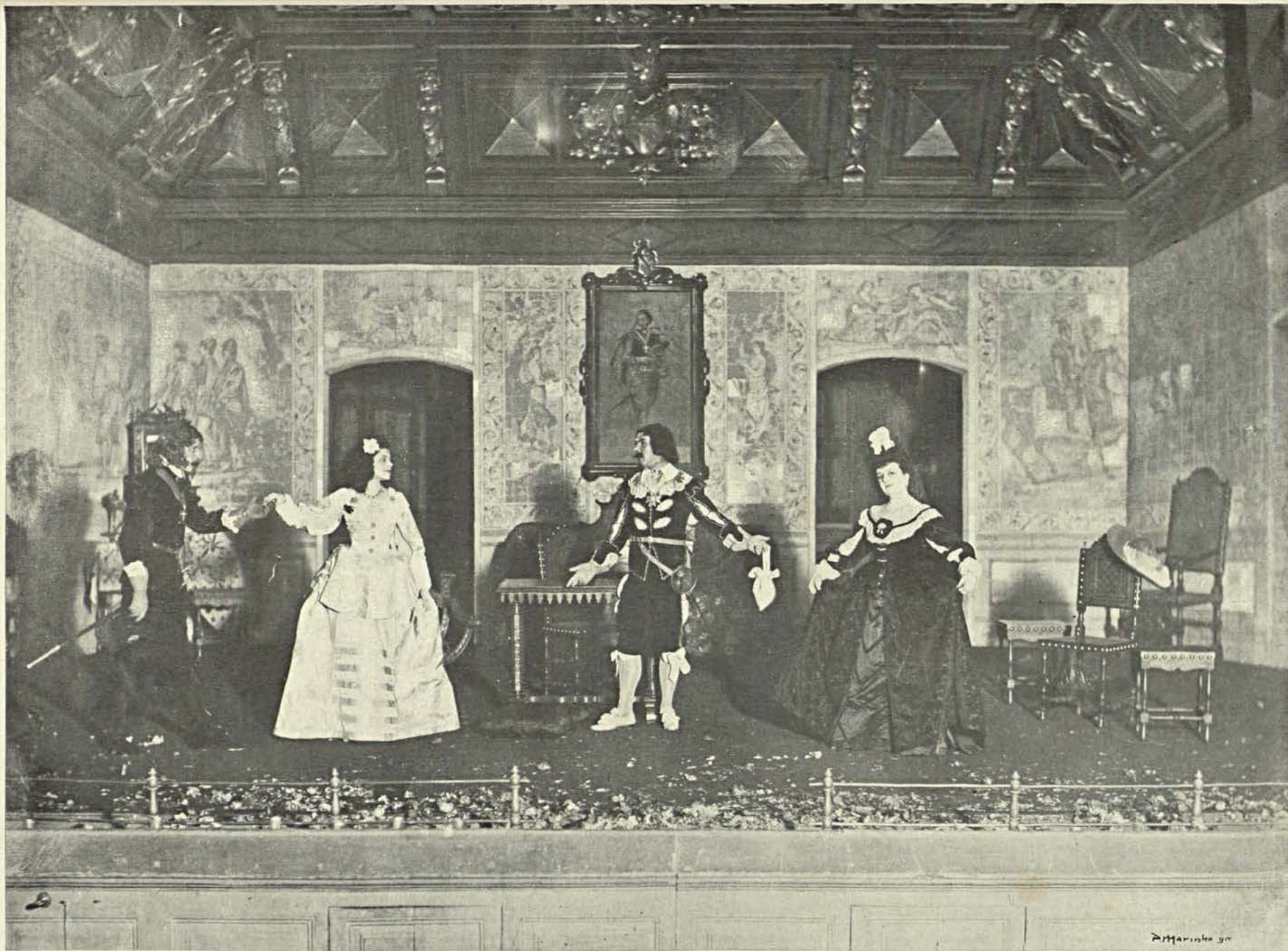
Projecto de cartaz, posto a concurso pela Empresa da Agua das Lombadas, e que alcançou o 1.º premio

Desenho do lapis inspirado de Julião Machado









Cliché Benoliel, luz artificial.

**Uma scena da comedia de Julio Dantas D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA**  
**representada por amadores, no theatro D. Maria II, n'uma recita em beneficio do Hospital do Repouso (Assistencia Nacional aos Tuberculosos)**

*D. Beltrão de Figueirôa*  
(Marquez do Lavradio)

*Celimena*  
(Condessa d'Arge)

*Marquez*  
(D. José de Mello, Sabugosa)

*Duêna*  
(D. Luiza Mayer de Mello)





Clêhé Benoliel, à luz artificial.

**A «PAVANE» no final da comedia D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA  
na recita de amadores, no theatro D. Maria II, em beneficio do Hospital do Repouso (Assistencia Nacional aos Tuberculosos)**

Da esquerda para a direita:—D. Luíza Cabral Pinto Barreiros e José Iglesias Vianna; Condessa de Villalva e João Bregaro; D. Isabel de Mello (Sabugosa) e D. Luiz de Lencastre (Alcaçovas); D. Maria de Lencastre Wanzeller e Marquez de Lavradio; D. Isabel Castro Pereira e D. José de Vasconcellos e Souza (Figueiró); D. Luíza Mayer de Mello e D. José de Mello (Sabugosa); D. Miria Luíza Lencastre (Alcaçovas) e D. Jorge de Mello (Sabugosa); D. Maria Rita Corrêa e D. Luiz Daun e Lorena (Pombal); Mademoiselle Morales de los Rios e D. Ruy da Camara (Ribeira Grande); D. Leonor Corrêa e Fernando de Souza Coutinho Pinto Basto.



rias, se nos deixassemos ir atrás das nossas impressões e tentassemos evocar n'esta chronica ligeira todo o espectáculo inolvidavel, que a pavana fechoou com um quadro sumptuoso, digno do Veronese das *Boas de Canaan* e do Velasques das *Meninas*.

Essas duas festas memoraveis, precedidas pelas comédias representadas, ha dois annos, no palacio Almedina, pelas comédias representadas ha tres mezes no palacio dos condes da Figueira, pelas comédias representadas ha quinze dias em casa dos srs. viscondes de Carnaxide, constituíram a evocação brilhante dos melhores tempos do theatro *Thalia* e a resposta triumphante das lisboetas aos que injustamente as accusavam de serem as netas degeneradas d'essas encantadoras interpretes do *Falar Verdade a Mentir!*

CARLOS MALHEIRO DIAS.

## Thomar e o seu convento historico

Não ha cidade pequena mais alegre em Portugal. A' brancura das casas junta-se o pittoresco da natureza; o rio Nabão que serpenteia Thomar tem por vezes o encanto das margens mais frondosas dos rios do norte; a frescura das suas aguas tempera o calor do seu sol; e enquanto nos arredores se abafa em pleno estio, nas margens do Nabão o *touriste* encontra sempre sombra e fresco. E como se isto todo fosse pouco para deleitar o *touriste*, um monumento historico dos mais grandiosos e dos mais artisticos eleva-se no cume de uma montanha de onde se disfructa o mais bello panorama — o convento de Christo.

De todos os edificios antigos, este é o que mais bem conservado está. A igreja, magnifica, encerra todas as architecturas, desde a do seculo XII até á do seculo XVII, porque na capella-mór, octogona, acastellada, cercada de capellinhas, se conservam muitos vestigios da construcção primitiva de Gualdim Paes. O côro e o corpo da igreja foram mandados fazer por D. Manuel. O côro tem excellentes cadeiras de madeira da India que datam do mesmo tempo. Havia na igreja tambem uma cruz de ouro mandada fazer com o primeiro ouro que veio da India. O edificio, que tem claustros magnificos, deve aos Phi-

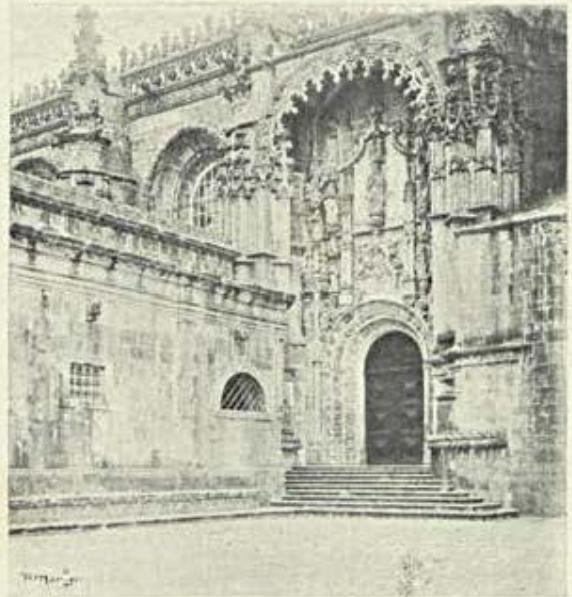


Thomar. — A janella da sala do capitulo no convento de Christo

lipes as suas principaes maravilhas e o seu aqueducto que dá agua para o convento.

O antigo castello dos templarios, que se admira em uma das nossas gravuras e que se eleva n'um monte a oeste da cidade, foi construido por Gualdim Paes, o famoso mestre da ordem dos Templarios em Portugal, que armado cavalleiro por Affonso Henriques, tomando a

cruz vermelha dos cruzados, partiu para a Palestina. Gualdim veio a morrer em 1195, sendo enterrado na egreja de Santa Maria do Olival, proximo de Thomar. Esta foi por muito tempo um burgo dos templarios, e depois da ordem de Christo que a substituiu, quando os mestres da ordem passaram a ser os reis, Thomar voltou para a corôa, tendo



Thomar. — Entrada do convento de Christo. Porta principal

tido a triste gloria de ser escolhida por Philippe II para alli reunir as côrtes que o aclamaram rei em 1580.

Em 1843 foi elevada a cidade, tendo assento em côrtes no quinto banco. O seu brazão de armas consiste em um escudo coroado e em campo de prata a cruz de purpura da ordem de Christo. As armas antigas que ainda hoje figuram no sinete da camara eram: escudo redondo dividido por uma cruz em quatro quartéis figurando no primeiro á direita um dos personagens da lenda de Santa Iria, Britaldo, um moato roçagante; no segundo outro personagem, Banão, ao pé de uma arvore, em acto de ferir; no terceiro uma torre da sua côr; no quarto, Santa Iria degolada e cabindo ao Nabão.

Thomar é hoje tambem uma cidade industrial por excellencia, sendo a principal fabrica de papel do Prado, cujo desenvolvimento é já muito grande e importante.

## O pandeiro

Tinham envelhecido rapidamente na lucta quotidiana contra a miseria invasora que se chama a mediania para aquellas a quem o mundo recusa o direito de serem pobres.

Amavam-se profundamente, sem exaltação, porque o dever tornara-se em breve a grande poesia dos seus juvenis amores. Outr'ora, encostados um ao outro, corajosos, com a coragem da sua inexperiencia, tinham-se sorrido para as difficuldades da vida, encaradas de longe. Parecia-lhes facil privarem-se de tantas cousas superfluas! Pobres corajosos! tinham essa fé sublime, que a ternura de um punha o outro ao abrigo de toda provação, a confiança intima que o seu ceu conservar-se-hia sem nuvens! E quando o ceu se tornava sombrio, não tinham desanimado. Modestos e meigos, eternos resignados no meio da agitação da vida militar, da poeira scintillante que ella levanta no caminho, cumpriam a tarefa de cada dia, sentindo o peso da existencia de anno para anno' carregar mais pesadamente nos seus hombros emmagrecidos.

Estavam isolados (os unicos da sua qualidade), diziam um ao outro com uma nuvem de melancholia.

Era verdade: o offical ja não conhece esse heroismo, recua deante da verdadeira «Lucta pela vida» com a qual é preciso pagar ás vezes a união de dois seres ricos só de mocidade e de amor. A pobreza tornou-se synonyma da imprudencia e talvez os sabios d'este mundo tenham razão.

Esse capital consome-se, e o unico rendimento que resta são os filhos para educar... Admira-se uns, lastimando-os e não se ousa censurar os outros...

Elle, era um homem de meia idade, de cabello e bigode ruivo, e um pouco grisalho, com os olhos cavados e todo curvado para deante. Ir-



reprehensível no seu trajar, parecia comtudo nunca vestir fato novo; a gola vermelha, usada, amarellecida, distinguia em tons atijolados nas carnes enrugadas e musculosas do seu rosto; o *dolman* fluctuava no



Thomar. — Claustro do convento de Christo

corpo, apertando nas cavas, estreitando ainda mais o seu peito magro, marcando a cintura quasi no meio das costas, com os seus galões de capitão, apertados uns aos outros, como receiassem ostentar-se na sua manga e usurpar patente superior subindo mais alto!

Já o encontraram decerto, passeando com duas creanças pela mão, dois pobres pequenos muito pallidos, debaixo de uns largos gorros de panno, bem escovados, cuidadosamente abotoados nos seus *paletots* de flanela.

Muitas vezes a mãe ficava todo o dia no estreito quarto, passando as horas a arranjar os velhos trapos, inventando combinações verdadeiramente maravilhosas, prolongando á força de habilidade e de industria a roupa da casa, herança usada já por algumas gerações, correndo-a a ferro ella propria, uma d'essas economias que a mulher pôde fazer sem mostrar a grande falta de meios; e a falta de meios que seria quasi um bem estar se podessem mostrar-a claramente, e que é tão custosa de dissimular.

A sociedade é implacavel, diz, senão pelas suas palavras, pelo me-



Thomar. — Convento de Christo e castello dos Templarios

nos pelos seus actos: «Desgraçados dos pequenos e dos fracos, esquecimento aos modestos» e deixa-os desapidadamente na valeta.

O verão era o bom tempo; o calor e os raios de sol, o lume apagado e os dias compridos.

A mãe, então, levantava-se de madrugada, para acabar mais cedo a sua tarefa, esse entretenimento de todos os dias que é o Tonel da Dainadas das mulheres laboriosas.

Quando acabava o exercício, sabiam os quatro da cidade, deixando atraz de si o pesado fumo das fabricas cahir nos telhados em massa negra.

Os pequenos estão alegres, tomam côres, correm como cavallos á solta na herva alta dos prados

E a elles parece-lhes bom respirar o ar livre, tomar o seu lugar ao sol do bom Deus como os jovens e os felizes.

Uma tepida lembrança do seu primeiro anno de casamento reanima-se nos seus corações: esquecem os cuidados, as dificuldades do presente, as inquietações do futuro, voltam para traz. Elle parece encontrar de

novo, nos labios de sua mulher, o sorriso de out'ora, tanto as penas e as fadigas lhe vieram depois tapar-lhe a boeca! Já a não ouvem rir... e ella, comtudo, desejava-o, afim de os alegrar a todos, mas é impossivel.

Volta o inverno. Com os seus dias pequenos, de uma tristeza monotona, as suas grandes despezas de luz e de combustivel: a vida encaece, os filhos, é necessario cobril-os bem agasalhadamente.

O inverno! dezembro! ella diligencia arranjando o seu unico vestuario, um vestido de seda do seu casamento, em restaurar o chapéu usado, encrespando as plumas que cahiam tristemente para o lado.

Que trabalho lhe dá todos os annos esse vestido, cujos vestigios de uso é preciso dissimular! Mas conserva o como a um feitiço! O vestido



Thomar. — Uma vista do rio Nabão

de seda é para ella como o symbolo de «respeitabilidade», uma especie de privilegio. A mulher d'um official é uma «senhora», elle indireita-se ao dizer isto, em toda a sua modestia activa de bom burguez. Para elle, uma «senhora» deve forçosamente usar um vestido de seda. E' uma velha superstição que não consegue desvanecer no espirito.

As visitas duram uma semana inteira, e a mãe experimenta transees continuos... Queira Deus que os filhos se não debrucem da janella, enquanto o camarada, occupado na cosinha, não pó de olhar por elles. Queira Deus que volte para casa antes do pobre rapaz ter de voltar para o quartel. Depois, de casa em casa, sente um mal estar indefinido, custa-lhe tanto entrar n'uma sala! Imagina que todos olham para elles, que os acham, a si e ao seu marido; exquisitos, vulgares, antiquados.

D'esta vez o dia de Anno Bom é triste. O seu pobre coração transborda de tristeza, a consoada faltou aos filhos! Ella queria dar a cada um, um par de polainas bem quentes, um livro de bonecos a Roberto, um pandeiro a Gustavo, o sonho de cada um! Mas as recepções tinham-se multiplicado no mez de dezembro, e recebido o soldo, postas de parte as quantias indispensaveis, não ficara nada, nada...

Pobres rapazinhos! tinham esperado todo o dia, aneisos e discretos



Cheios de A. Lima. Thomar. — Outra vista do rio Nabão

e não terão a alegria de verem esses embrulhos de papel branco, atados com uma fita côr de rosa ou azul, que fizeram bater o coração a todos nós.



Que decepção! que dia tão triste! O pae levou-os a passear... ella não teve coragem de sahir, depois da missa, de onde tinha vindo, olhando para a frente, para não ver as lojas cheias de brinquedos. As lagrimas vinham-lhe aos olhos ao ver as creanças que passavam com as mãos cheias... Comtudo! foi ella que não quiz... foi ella só que os privou de tudo; seu marido bem queria! Se o não tivesse retido, iria comprar a con-



Exposição agricola na Tapada da Ajuda

Outra installação do sr. Francisco Sommer. — Vacaes hollandezas, flamengas e raça Jersey

soada, porque, emfim, para o mez que vem recebia mais, e podiam perfeitamente fiar-lhes alguma cousa. Mas não consentiu.

«Comprar a credito! oh! não! isso é bom para aquellos que são ricos, que teem a certeza de poderem pagar depois; o pão de cada dia não entrará em casa não sendo pago logo... Oh! se ella devesse aos fornecedores, não ousaria mais sahir de casa! e ella bem sabia, se se faz uma vez, acabou-se... Recomeça-se no dia seguinte!»

Diz tudo isto, nervosa, vehemente, forte, na sua suprema delicadeza, e elle escuta-a, admira e approva-a, suspirando. Não terão nunca um cantinho azul, a necessidade mantel-os-ha sempre no caninho estreito e duro da privação?

De repente, ella abaixou a cabeça, prestes a soluçar! porque é que estão tão atrapalhados! é que falta ao governo da casa um recurso! O seu dote, que nunca foi pago, os titulos tinham sido levados para o ministerio antes do casamento; depois, seu pae, um commerciante, tomou-os á sua conta e tudo foi absorvido na fallencia. Ella já não ousa dizer nada... Tem, por acaso, o direito de impôr assim a sua vontade?...

Elle comprehendeu-a; nunca uma queixa, uma palavra de censura ou de amargura sahiu dos seus labios, olham um para o outro, elle estende-lhe os braços... consola-a e anima-a.

Pois bem, seja, caminharão ao lado um do outro, inflexiveis na sua existencia de desherdados, deixando aos remedidos os embaraços de dinheiro, as grandes contas, as dividas... elles pref-rem-lhes a sua pobreza quotidiana, a stricta e impeccavel honra! Os pequenos, educados n'esta escola, saberão que a grande lei da vida é o trabalho... sempre... e muitas vezes a privação e terão ainda uma bella herança!

Fevereiro. O baile do general. Este homem energico aterrorisa-se ao receber o convite do seu chefe... Pobre homem, experimenta os receios loucos dos isolados. Se o coronel lhe fizesse má cara, reparando na ausencia de sua mulher? Se o general se escandalisasse? Estas idéas, estes escrúpulos, não veem senão áquelles com quem se não conta, aos que passam despercebidos.

Então o vestido de casamento torna a vêr a luz do dia... os sapatos de setim, as luvas... tudo isto está guardado no fundo de um bahu collocado no sótão que o senhorio cedera sem levar nada por isso. Tres dias antes do baile, ella sóbe para tirar, examinar e arranjar se fôr necessario. Os pequenos vão atraz d'ella, com as mãos discretamente cruzadas atraz das costas, com os olhos muito abertos, muito redondos.

O seu coração bate, mau grado seu, com uma commoção exquisita, quando levanta a tampa do bahu! As suas mãos escaudam quando tira a roupa engommada, voltam-lhe as primeiras aspirações do prazer, que as dificuldades do governo da casa lhe cortaram... mas ficaram latentes no fundo do seu coração, prestes a despertar com uma vaga embriaguez, quando um leve perfume de mocidade lhe subiu ao cerebro... Afinal de contas ella não é velha ainda! está envelhecida.

Apesar das apprehensões da sua timidez, apesar do sentimento de receio que a invade, alguma coisa de vivo, de turbulento como a seiva que sóbe, palpita subitamente dentro d'ella... sente que não está fóra da lei commum da existencia dos outros.

Pensa «Eu tambem vou ao baile!» e um pequeno fremito de praser percorre-a toda, desce a escada com precaução, com receio de amarrotar o seu vestido que leva nos seus braços estendidos essas reliquias do seu unico dia de triumpho ás quaes faltam unicamente as flores de laranjeira.

Mas ehegada a ocasião, desvaneceram-se as curtas illusões; quando se vê no vestibulo do quartel general de-sejaria recuar, falta-lhe o animo, o sangue sóbe-lhe ao rosto, os ouvidos enchem-se com os sons vagos da multidão e da musica que sussurram como as ondas, e ella vae na mesma qualidade das outras, e comtudo ninguem experimentou esse movimento de recuo, essa vontade de se retirar.

Comtudo, entra sem saber bem o que faz, deixa-se conduzir não importa para onde, isso é lhe indifferente, parece-lhe que é desastrada, que o seu vestido se aperta em volta d'ella em pregas mal feitas, insinua-se por detraz das caudas das saias de rendas que circulam durante a quadrilha entre as esporas de aço brilhante.

Emfim, está tranquilla, esquecida, isolada n'um canto. Nada ha mais triste que a solidão no meio da multidão; nada ha mais melancolico que a indifferença absoluta no meio do praser, é a verdadeira Thebaida, e ali idéas negras se apoderam d'ella, como a reacção das alegrias que a rodeiam...

Os filhos estão sós n'esse momento, o camarada deve ter partido á meia noite e posto a chave debaixo do capacho...

Se elles accordam! se têm medo? Se algum mal horrivel fosse de repente apertar-lhes a garganta? Parece-lhe agora que Roberto estava rouco, quando ella saiu. Recordase de ter lido a historia d'uma mulher que, voltando do baile, encontrou seu filho morto de garrotinho.

Essa mulher fóra lá procurar o atordoamento, o praser... ella veiu sómente para cumprir um dever, porque para ella tudo é dever, tudo é pesado e penoso, mesmo o que é alegria nos outros; está esmagada por uma especie de pesadelo.

De repente, uma vontade doida de ir para casa apodera-se d'ella, a musica resôa aos ouvidos como o dobrar dos sinos... o rythmo da valsa dá-lhe vontade de chorar, experimenta um enfraquecimento completo, vae tentar encontrar o marido na multidão dos uniformes, voltarão para casa, que fazem elles ali, em summa! Hesita em atravessar o salão, acabam de dansar, podem vel-a... Justamente aproxima-se d'ella um official e cumprimenta-a.

E' o alferes da companhia, um rapaz muito novo que acaba de chegar, a unica pessoa que ella conhece, porque nunca recebe ninguem, mas elle batia á porta da sua casa, na occasião em que ella saia; fallalhe de seu marido, de seus filhos, convida-a para a quadrilha que vae começar, ella accentea, depois pedir-lhe-ha para ir procurar «o capitão». Trata-se agora de arranjar um *vis-a-vis*. O seu par retem um camarada, o tenente. Este passa, finge não a conhecer, a ella, a modesta senhora:



Clichés de A. Lima.

Exposição agricola na Tapada da Ajuda

A installação da casa F. Street & C.

«Impossivel, meu caro, procuro H... um dos meus amigos que acaba de chegar, que veiu para os caçadores!»

Passa, sem mesmo lhe dirigir um cumprimento, ella endireita se toda offendida mas não humilhada, oh, não! A má creação d'um homem sem coração não fere nunca uma mulher simples e digna como ella. E' o mesmo, tem pena de ter saído do seu sombrio cantinho onde estava



assentada, onde desejaria estar ainda. Encontram, enfim, um vis-a-vis! É o seu marido! Julgou dever convidar a mulher do seu major, não sabe dançar, mas n'uma quadrilha basta caminhar bem direito... para deante e para traz...

O seu par, além d'isso, está visivelmente preocupado: é uma morena alta, aspirando a fazer effeito e que acha essa moldura muito mediocre para ella. Tem o ouvido estendido, a cabeça sempre voltada para o outro lado da sala...

A quadrilha acaba, entretanto levam as marcas do cotillon. N'uns grandes cestos muitas bugigangas, flores e coisas chinezas, uma caixa cheia de pandeiros, ella segue-a com o olhar cheio de cubiça paternal, grandes pandeiros rodeados de guizos com largas fitas de seda de cores variadas. Apodera-se d'ella uma ideia, que lhe faz desaparecer os seus receios de ha pouco, não pensa já nos vagos terrores que se possam apoderar das creanças durante a noite, esquece os perigos da solidão em que se acham os pequenos, o horrivel mal que ella tanto receiava, já não pensa n'elle; a unica coisa que a absorve é o desejo de levar o objecto tão ambicionado... Agora está decidida, esperará... O seu par conduziu-a ao seu logar. Se elle a convidasse... quasi que lhe deseja fazer essa insinuação... Já está comprometido... outro virá talvez, vindo-a fiar no seu logar, mas os grupos formam-se, cada um toma o seu logar, ninguém veio busca-la... e comtudo muitos procuram par... não a viram... O cotillon começa, logo á primeira marea caminhou para deante e já está sentada na primeira fila, ella tão tímida, tão retirada! agora só tem um fim, pouco lhe importa a zombaria.

Olha primeiro, depois essa eterna valsa atordoa-a, esse turbilhão sóbe-lhe ao cerebro, acaba por não ver nada.

Como é comprido esse cotillon! importuno, monotono! as figuras sem marcas, sobretudo, parecem-lhe interminaveis. Enfim, chegou o mo-



Exercicios na Escola do Exercito. — «Poules de Espadas»

primeiro nem quiz pensar n'ella... N'esse momento dançam todos. Só a que dirigiu o cotillon, o sobrinho do general, um tenente de dragões.

«Não tive nenhum, disse ella, saio pouco... não tive par... se não fosse indiscreta... os meus filhinhos ficavam tão contentes!»

Abaixou os olhos como se tivesse commettido uma falta, fazendo essa confissão.

Quando os levantou, o rosto do official tornara-se serio. Compreendeu o esforço que lhe custou esse passo tão singular na apparencia... Tem já as mãos cheias de objectos de todas as qualidades, pandeiros, bonecos chinezes, saquinhas de confeitos, saguis phantasticos que collocou em um cesto vazio, depois reunindo em um feixe muitos ramos de rosas, disse-lhe:

«Permitta-me, minha senhora, que lh'as offereça.»

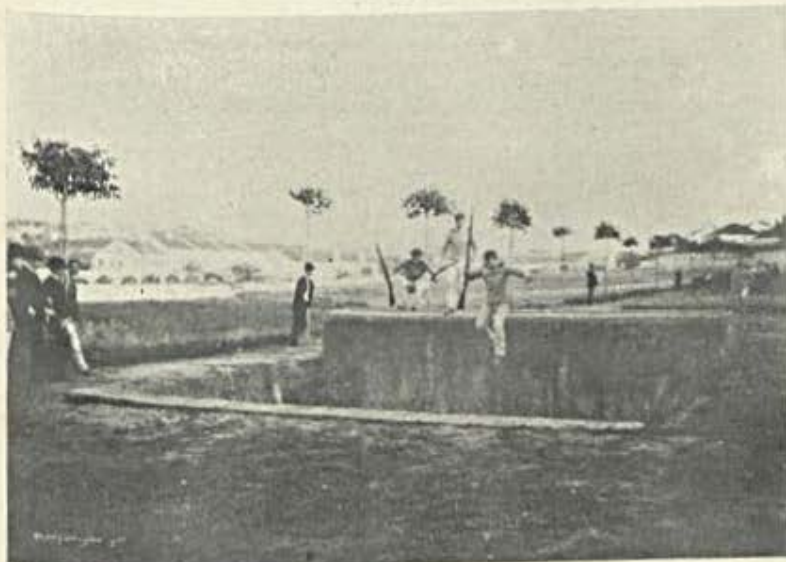
Ella pegou nas flores, vermelha de praser, balbuciando um agradecimento, com os olhos fitos no cesto. «Agora tornou elle, pegando no cesto e apresentando-lhe o braço, permitta-me que a conduza para fóra da multidão, para junto de seu marido.»

Chegados juntos do capitão estupefacto, elle vae deixal-a com um profundo comprimento.

«Oh! obrigado, obrigado ainda, senhor! tornou ella com arrebatamento.

«Sou eu que lhe agradeço, minha senhora; respondeu elle muito commovido. Acaba de me recordar o que tive de melhor na minha vida: minha mãe e as minhas alegrias de creança.

EDMUNDO LOZ.



Instantaneo á sombra.

Exercicios na Escola do exercito  
Saltos com espingarda, em profundidade

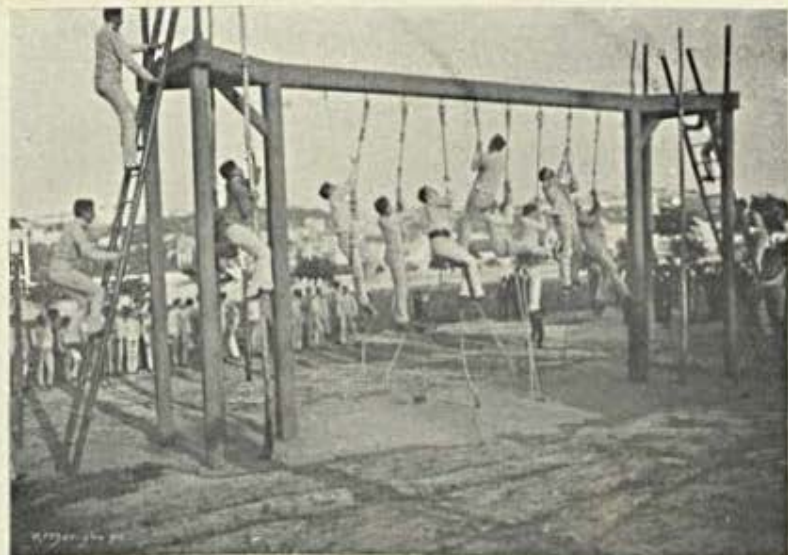
mento, distribuem-se os pandeiros aos pares que se dispersam de todos os lados... Torna-se offegante, o seu coração bate com violencia, nunca mulher alguma coquette, á espreita d'uma preferencia, experimentou mais anciedade, segue as idas e as vindas dos pares dansantes. Ah! vem um que parece que vem para os lados d'ella... mas não... Ah! o alferesito! deve ser a ella que elle procura, pensou talvez nos filhos! passa um par, depois outro, elle não a vê. Inclina-se para deante, sem mesmo pensar no que faz, quer ser vista... Ah! o pandeiro está nas mãos d'uma senhora muito nova que já tinha outro, e não tem filhos para despertal-os de manhã com o ruido alegre dos guizos prateados!...

Levantara-se, cae de novo na cadeira, muito pallida, depois torna-se de purpura, porque receia ter sido vista.

A marca acabou; esperava que a tornassem a fazer, porque o cesto não está despejado. D'esta vez, terá um, certamente... de que fórma? Ver-se-hia embaraçada para o dizer, mas parece-lhe que foi por culpa d'ella que ninguém a viu buscar...

Agora já não ha nada a esperar... Para que fiar mais tempo longe dos seus filhos, sós, em casa fechados? mas voltar para o pé d'elles com as mãos vasias, quando ella teve a esperanza de lhes causar tanta alegria! O pensamento de lhes levar alguma coisa, como as outras mães, apoderou-se de novo d'ella com a fixidez da monomania!... É uma obsessão que, á força de ser lancinante, torna-se quasi dolorosa.

Se ousasse! veiu-lhe uma idéa, ousada e extravagante,



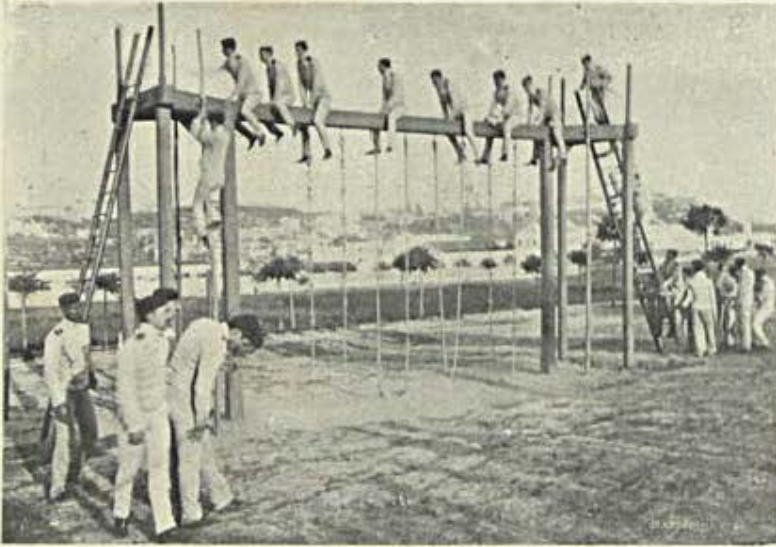
Clichés A. Lima.

Exercicios na Escola do exercito. — Subidas de corda

O carro que nos conduz mais rapidamente á celebridade — é o carro funerario.

BRILLIOL.



Exercícios na Escola do exercito.— *Passagem de portico*

## A leitura da peça

E' bem certo que a gente vê caras e não vê corações.

Ha que annos eu conhecia o commendador Balthazar! Conversava com elle muitas vezes em S. Carlos, nos intervallos: tinha-o encontrado varias noites em *soirées* particulares, quando na rua nos avistavamos cumprimentavamo-nos cordealmente; em summa, mantinhamos ha muito tempo umas relações amigaveis, sympathicas, uma d'essas relações que permitem perfectamente de parte a parte o pedido de um favor, a permutação de uns obsequios, mas o que nunca me passou pela cabeça foi a natureza do obsequio, do favor que um dia, ha seis mezes, o commendador Balthazar me pediu.

Foi em dezembro ou em janeiro, não sei ao certo; mas o que sei é que foi no inverno nos mezes dos dias pequenos e das noites sem fim, e que por signal até n'esse dia fazia um frio intensissimo, um frio russo, que não está muito nos habitos temperados da agazalhada Lisboa.

Eu tinha acabado de almoçar e preparava-me para sair, quando á porta parou um trem.

— Máo! resmunguei eu, temos massador á hora da saída!

O creado entrava n'esse momento com um bilhete de visita.

— Está ali este sujeito que lhe deseja falar.

Peguei no bilhete.

Era do commendador Balthazar.

— Mande entrar, ordenei eu logo, não querendo negarme a esse bom homem, com quem de ha muito, como já disse, mantinha as mais cordeaes relações e que pela primeira vez me procurava.

E fui logo á sala ter com elle, porque não queria fazer-o esperar.

— Olé, meu caro, vim talvez incomodal-o, disse elle caminhando para mim de braços abertos, com um amigavel sorriso.

— Inteiramente nada, dá-me sempre muito prazer.

— E como tem passado, não o vejo ha muito tempo?

— Assim e assim... e o meu amigo?

— Mal, mal, o demonio da dyspepsia não me quer deixar! Em summa, velhice, os annos a entrarem com a gente.

— Qual historia!

— E' não é, meu amigo, já vou para os sessenta...

— Ninguem ha de dizer... parece mais novo do que eu.

— Ora adeus! Por fóra cordas de viola, mas por dentro Deus sabe o que cá vai... Em summa, a gallinha vae vivendo com a sua pevide e quando chega a certa idade não é bom estar a apurar muito a saude.

Houve uma pequena pausa.

Eu tinha pressa e não estava muito disposto a alimentar uns preludios de conversação.

Elle percebeu e então abandonou sem mais preambulos o assumpto da sua visita.

— Ora aposto que o meu amigo não é capaz de adivinhar o que cá me traz?

— Seja o que fór, estimo-o muito por que me deu o prazer da sua visita.

— Venho pedir-lhe um favor!

— Estou ás suas ordens.

— Não esperava menos da sua amizade e por isso é que vim bater á sua porta.

— E fez muito bem...

— O meu amigo tem hoje a sua noite livre?

— Hoje?... Não, hoje não tenho...

— E amanhã?

— Amanhã, sim senhor...

— Não está compromettido para a noite?

— Não, amanhã á noite estou ao seu dispor.

— Muito bem, então fica para amanhã... Dá-me o prazer de ir tomar uma chavena de chá a minha casa?

— Pois não, com muito gosto, mas se é festa estar adial-a por minha causa...

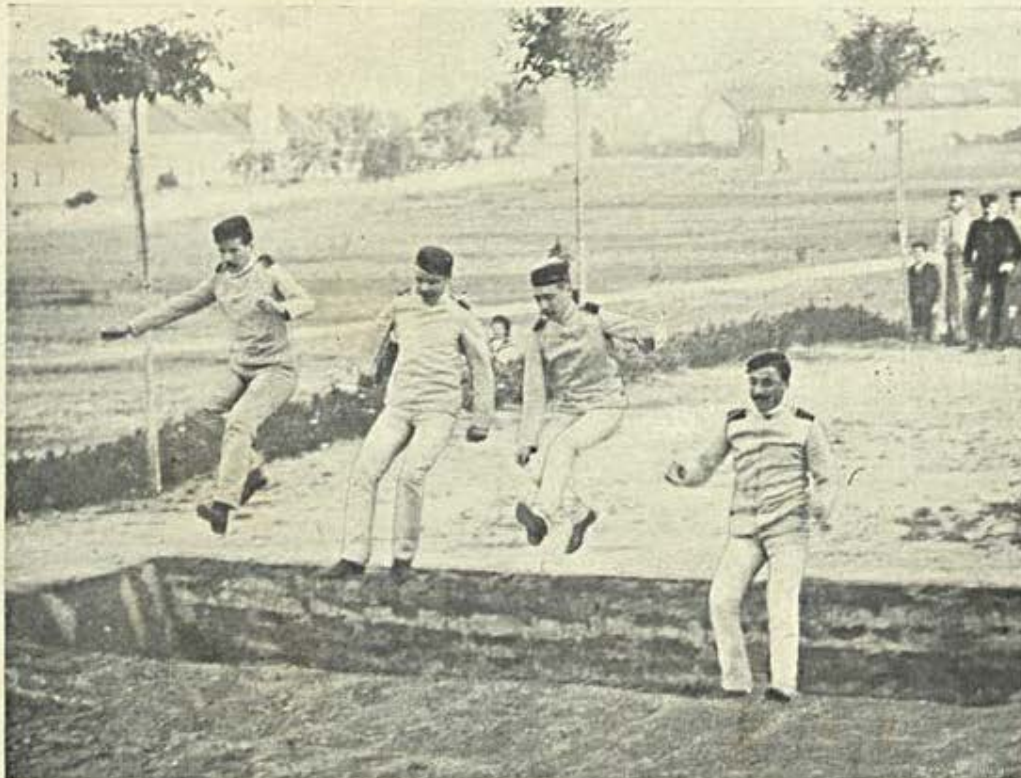
— Não é festa nenhuma, é uma leitura.

— Uma leitura?

— Sim senhor, a leitura de uma peça.

— Oh! meu amigo, uma leitura de peça é sempre uma...

— E' uma peça minha, concluiu elle mto a tempo, como que adi-



Clichés de A. Lima.— Instantaneo á sombra.

Exercícios na Escola do exercito.— *Salto de extensão*



vinhando a grosseria que eu ia dizer não julgando nem por sombras que se tratasse d'uma peça do commendador Balthazar.

— Sua? perguntei eu muito admirado.

— Sim senhor, uma comediinha em que trabalho ha dez annos, nas minhas horas d'ocio.

— Eu não sabia que o meu amigo se dava á litteratura.

— A' litteratura dramatica dou-me muito. Aqui onde me vê, tenho mais de cinco peças originaes...

— Ah!

— Representadas com applauso em theatro de curiosos, por que eu fui um curioso distincto; agora que já o não sou, posso dizel-o, fui um curioso distinctissimo.

— Bravo! Bravo!

— Na minha rapaziada já se entende! Depois, quando meu pae morreu e fiquei á frente de uma casa de commercio, deixei-me d'isso, e então puz-me a rabiscar para o theatro, com o meu vagar. Não queria morrer sem ter uma peça representada n'um theatro publico. Agora acabei de lhe dar a ultima demão, levou-me dez annos certinhos, mas como ninguem corria atraz de mim, não tive pressa.

— Está bem de ver...

— E' uma comedia em cinco actos.

— Ah! Tem cinco actos?

— Cinco actos e um prologo.

— Um prologo tambem?

— Sim senhor. E' uma comedia, mas tem pedaços de tudo, pedaços de drama e até de tragedia.

— Assim é melhor; tem para todos os paladares.

— Exactamente; toca todas as notas, corre todos os teclados.

— Excellente, é excellente.

— Mas não queria mandal a para o theatro sem ter a opinião de alguns homens de letras, e por isso, como me honro de ter entre as minhas relações alguns amigos abalisados em litteratura, convidei os para elles a ouvirem... O convite era para hoje, mas visto o meu amigo hoje não poder, fica para amanhã...

— Não, isso não vale a pena; faça hoje a leitura e eu depois mais tarde a lerei.

— Nada, nada; quero a comparencia: ora essa!

— Muito obrigado mas...

— Fica para amanhã; está dito: amanhã ás 8 horas da noite. E' boa hora?

— Muito boa hora!

— Então está combinado. Vou-me embora, porque não lhe quero tirar mais tempo.

— Não me incomoda nada...

— Não senhor, não senhor. O seu tempo é precioso. Até amanhã, ás 8 horas.

— Até amanhã.

No dia immediato andei todo o dia aterrado. Cinco actos e um prologo!

Desde pela manhã que sentia como que um peso em cima de mim... era o peso d'esses actos todos.

A' proporção que o dia ia passando, que a noite se approximava, esse peso ia augmentando.

Quando no relógio do Carmo deram as 8 horas, a hora terrivel, em que atravessava o Rocio a caminho para o local do supplicio, parei acobardado.

Cinco actos e um prologo!!

E as pernas recusaram-se-me a ir para diante, e não houve forças humanas que me fizessem proseguir o meu caminho!

— Nada! Aquillo é leitura para durar até á 1 ou ás duas horas da madrugada. O melhor é fazer horas cá por fóra para deixar passar o prologo e o 1.º acto.

Voltei para traz e principiei a andar ao acaso pelas ruas de Lisboa para deixar ir correndo a peça do commendador Balthazar.

Por fim quando eram 9 horas e meia enchi-me de coragem:

— Vamos disse eu energicamente a mim proprio, vamos lá: agora já deve estar a principiar o 2.º acto. A caminho!

D'ali a nada entrava em casa do commendador Balthazar.

— Ora! graças! meu caro amigo! exclamou elle radiante, vindo receber-me á porta; já imaginavamos que não vinha.

— Ora essa! Se por qualquer motivo de força maior não podesse vir mandava dizer... O que não pude foi vir mais cedo... devem ser quasi 9 horas...

— Quasi? já passa meu amigo... estão a cahir as 10...

— Dez? exclamei eu, fingindo-me admirado.

— Olhe, ahí as tem...

Effectivamente um relógio á Luiz XV, que estava sobre o tremó de polimento, dava dez horas.

— Ora esta! Então já a leitura deve estar muito adiantada.

— Não está...

— Ah! não está? repeti eu empallidecendo.

— Não principiou ainda! participou-me elle todo amavel.

— Não principiou?

— Não senhor; estavamos á sua espera para começar!

A noite estava fria, mas esta noticia cobriu-me de suor e livido, furioso commigo mesmo e com a amabilidade do commendador, encaminhei-me para o meio da sala onde faziam roda em torno de uma mesa dez ou doze pessoas, jornalistas, homens de letras, mais ou menos meus conhecidos.

E a leitura principiou, finalmente!

O prologo e o 1.º acto deslisaram vagarosamente, lidos pela voz monotona e arrastada do commendador Balthazar, sem nenhum incidente notavel.

De vez em quando um dos ouvintes levantava-se.

Fazia-se um silencio.

O commendador interrompia a leitura e olhava para o que se puzera em pé, como esperando alguma observação.

O ouvinte que se erguera mergulhava a mão na caixa de charutos, que a amabilidade do commendador puzera sobre a jardineira, tirava um charuto, accendia-o n'uma das serpentinas que ladeavam o manuscrito da peça e depois voltava serenamente para o seu logar.

E a leitura proseguia.

D'ahi a nada nova interrupção do mesmo genero.

E a leitura proseguia.

Foi-se assim até ao meio do 2.º acto. Ah! n'uma das scenas mais violentas e dramaticas, a porta da sala abriu se e entraram duas creadas: uma com uma bandeja de bolos de ovos, outra com uma bandeja de chavenas de chá.

E as creadas collocaram as bandejas sobre a jardineira.

Muitos dos ouvintes puzeram-se logo em pé...

— E' melhor agora acabar o acto aconselhou o commendador, contrariado pelo chá vir cortar-lhe a situação mais interessante da sua peça.

— Nada, nada, protestaram logo varias vozes: é melhor ir agora ao chá, que póde arrefecer...

— Mas ao menos deixem acabar esta scena, que tem muito interesse, supplicou o commendador.

— Por isso mesmo é que é preferivel irmos ao chá; o interesse da scena é tão grande que não é facil arrefecer.

E a leitura foi interrompida por vinte minutos...

Depois, o commendador continúa implacavel, e agora rancoroso e vingativo não saltava uma rubrica, não nos poupava á descripção mais minuciosa da *mise en scene* e do scenario.

O tal relógio á Luiz XV, sobre o tremó de polimento, deu duas horas da noite, e ainda o commendador agarrado ao seu manuscrito continuava terrivel a sua leitura.

Na sala pairava uma atmosphera somnolenta; os convidados esbaaceavam e todos os olhos se conservavam a cerrar na doce beatitude que procede os sonhos regulados.

De alguns labios sahia já um ligeiro ruido sonoro, primeiros preludios do ronzar que se approximava...

N'esse momento a voz do commendador elevou-se de diapazão, e no silencio de dormitorio que reinava na sala ouviu-se esta phrase da peça:

— No fim de contas não passo de um pedaço d'asno.

E a phrase foi dita com tanta convicção sentida, que de todos os lados sahiram gargalhadas estrondosas e bravos entusiasticos.

E o commendador muito lisonjeado com esse successo, perfeitamente inesperado, mas justissimo, depoz o manuscrito e agradeceu commovido e um pouco embatuesado.

— Muito obrigado, meus senhores, muito obrigado. Eu contava que este dito fizesse effeito, mas nunca esperei que fizesse tanto effeito como fez!

GERVÁSIO LOBATO.



## Soneto

Ha um medonho abysmo, onde baqueia  
A impulsos das paixões a humanidade;  
Impera alli terrivel divindade,  
Que de torvos ministros se rodeia:

Rubro facho a Discordia alli mencia,  
Que a mil scenas de horror dá claridade;  
Com seus socios, Traição, Mordacidade,  
Range os dentes a Inveja escura e feia:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando  
O ferro de sangrento hervado gume,  
E a toda a natureza ameaçando:

Vê-se arder, fumar sulfureo lume...  
Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!...  
Mortaes, não é o inferno, é o Ciume!

BODAGE.



# THEATROS

Companhias portuguezas que portem e companhias estrangeiras que debutam —  
D. Maria, D. Amelia, Trindade, Gymnasio e Colyseu dos Recreios.

A transição theatral do inverno para o verão faz-se com as ultimas novidades das companhias nacionaes e com as primeiras das companhias estrangeiras. Lisboa que a julgar pelos resultados das empresas felizes, está sendo uma capital extraordinariamente lyrica, tem agora nada menos de duas companhias a aguçarem o appetite musical, uma zarzuela no **D. Amelia** e uma opera no **Colyseu dos Recreios**. Musica para todos os paladares desde os *sp-rititos* de Meyerbeer até as *jotas* de Chueca.

A Hespanha é ainda de todas as nações da Europa a que melhor tem sabido conservar o característico da sua musica e dos seus costumes populares. Essa musica é ainda inconfundível. São d'ella o tom cadenciado das *habaneras*, a graça poetica das *malagueñas*, cujo perfume enebria os campos, onde as mulheres passam entoando os cantares de cada provincia. No vastissimo repertorio da Hespanha musical ha de quando em quando certos pruridos de escola italiana, mas o gosto popular tem sabido resistir-lhe e as tentativas em breve sossobram. Sempre que os grandes compositores, como por exemplo Barbieri, para não citar outros, quiz desnaturalisar a sua musica, não direi que fosse infeliz, mas foi massador. Sempre que teve a peito conservar o característico hespanhol, venceu e triumphou.

A Zarzuela é bem hespanhola, e se o não fôra não atravessaria as gerações, sempre alegre, cheia de vida e de graça. É um genero que marca uma escola, é uma escola que marca uma epocha e mais do que isso, uma nacionalidade. Entretanto não succede já com a opera italiana que tem passado as fronteiras, e tanto pôde ser de Italia, como de França, como da Allemanha, como até de qualquer outra nação mais pequena e menos artistica onde os compositores tentam grandes vôos para hombrear com Verdi e agora nos ultimos tempos com Wagner, sem possuirem a alma d'aquelle e a sciencia d'este.

É assim, ao passo que no **Colyseu** são as partituras antigas que tem exito, no **D. Amelia** são os compositores modernos que fazem successo, e á turba multa das zarzuellas populares, já umas conhecidas como *El certamen nacional*, vem juntar-se agora *El punão de rosas* que tem já a sua parodia, e tantas outras que todas as noites arrancam applausos e gargalhadas aos *dilletantes* da elegante sala onde a superior direção do visconde S. Luiz Braga consegue reunir sempre uma sociedade verdadeiramente cosmopolita. D'esta companhia hespanhola faz parte um grupo dos melhores artistas do genero como na companhia lyrica organizada tão habilmente pelo arrojado commendador Antonio Santos, a quem Lisboa deve o grande serviço de poder ouvir musica de opera sem ter de ficar a pedir escama, tem apparecido cantores de indiscutível merecimento. Não especialisarei este ou aquelle. Basta o conjunto para attestar o valor de cada um.

Lisboa é mais do que nenhuma outra capital essencialmente apaixonada de musica. A epocha de S. Carlos foi sempre, em todos os tempos um verdadeiro acontecimento, sob o ponto de vista da arte e sob o ponto de vista do luxo. Hoje, distingue-se mais pelo segundo do que pelo primeiro, porque á medida que os preços foram augmentando foi diminuindo a curiosidade artistica. D'antes frequentava-se S. Carlos para se ouvir, hoje vae-se lá para fallar. A plateia perdeu o seu antigo característico e os cantores que chegaram a ter-lhe um verdadeiro pavor podem dormir agora mais socegados, porque ella importa-se já muito menos com uma fífa do que com uma *toilette*.

Ora desde que a grande opera estava resumida apenas aos quarenta maiores contribuintes, desde que para ouvir com a familia a *Tosca* ou a *Aida*, era necessario gastar n'uma só noite, todo o ordenado de um mez, a opera popular estava indicada a todo o empresario intelligente e ousado, como o sr. Antonio Santos, e o exito d'esses espectaculos assegurado por todo um publico sequeiro de musica, avido de recordar todas essas partituras que foram o encanto de umas poucas de gerações de conselheiros e de mães...

Outra companhia estrangeira debutou ha tres noutes em **D. Maria**, uma companhia de arte dramatica que tem como principal figura, uma actriz italiana que já nos visitou um anno, Italia Vitaliani, que o Brasil conhece e os leitores d'esta revista tambem pelo retrato que em tempo appareceu n'esta mesma columna. Italia Vitaliani reapareceu na *Magda*, n'um drama tragico do Sudermann, o afamado dramaturgo allemão, cuja protagonista tem apaixonado todas as grandes tragicas contemporaneas, algumas das quaes Lisboa admirou já n'esse papel: a Duse e a Sarah. A interpretação de Vitaliani é talvez menos brilhante que a da Duse, por certo menos espectacular que a da Sarah, mas é mais humana, é mais verdadeira, e não admira nada que o auctor da peça dissesse que realmente era bem a personagem que imaginára, aquella que Italia lhe deu.

A actriz tem uma phisionomia de rara expressão, uns olhos que fallam, e um gesto largo e ao mesmo tempo sobrio, um talento dramatico de rara pujança que lhe permite correr com exito toda a escala do grande repertorio dramatico, desde as peças classicas de Goldoni até ás peças modernas de Ibsen, desde as tragedias de Sudermann até ás comedias francezas. Acompanham a illustre actriz alguns artistas de merito, como seu marido Carlos Duse que é ainda o director da Companhia. Poucas recitas veem dar, mas essas a julgar pelas tres primeiras devem ter uma concorrência certa, feita de todos os que apreciam o bom theatro, interpretado por uma actriz que é, sem favor, uma grande artista.

Emquanto Vitaliani se deixa admirar no palco de D. Maria, a companhia portugueza societaria vae dar ao Porto uma serie de recitas com as ultimas peças do seu repertorio. D'estas, ha duas portuguezas, em que ainda não fallámos, e que tem direito a uma referencia especial. Não são peças novas, mas são peças consagradas, uma no genero dramatico, outra no genero comico, ambas firmadas pelo talento extraordinario de dois dos maiores e mais famosos escriptores que tem tido o nosso paiz:

— a *Morgadilha de Valfôr*, de Pinheiro Chagas e o *Morgado de Fafe*, de Camillo Castello Branco. Entre estes dous escriptores ha certas afinidades: vastissima illustração e brilho de linguagem, mais castiça em Camillo mas mais leve a de Chagas. De um e de outro mais de uma vez tenho ouvido que não deixaram uma obra a attestar todo o seu valor litterario. Contesto. O valor da obra de um escriptor não se aquilata por um livro, avalia-se pelo seu conjunto, e a complexidade da obra do romancista illustre do *Amor e Perdição*, como do auctor da *Morgadilha* ahí está bem patente a attestar, melhor do que o poderia fazer um só livro, a maleabilidade dos seus cerebros, o cosmopolitismo das suas intelligencias, o brilho do seu bom humor.

O *Morgado de Fafe* e a *Morgadilha de Valfôr*! Que serie de recordações ellas nos trazem ao espirito. Estamos vendo ainda a figura elegantemente *gauche* de Rosa pae, o senhor Morgado, a figurinha gentil e bella de Emilia Adelaide, a senhora Morgadilha! D'esta, tem aqui o leitor o retrato, do tempo em que estava no apogeu da sua gloria artistica. Era bem esse corpo flexivel e estonteador o que encerrava o *tracetti* elegante de Leonor. Ha trinta e seis annos que ella criou a protagonista do drama de Pinheiro Chagas, escripto de proposito para ella! E é bem agora, trinta e seis annos depois, que se percebe o entusiasmo com que foi recebida essa peça, essencialmente romantica, mas tão bem feita, que resistindo á evolução litteraria, impõe-se ainda como uma grande obra theatral. A *Morgadilha de Valfôr* é uma peça verdadeiramente portugueza. São nossos todos aquelles typos, desde a Morgada até ao Capitão-mór, refugue n'aquellas scenas, que são quadros de mestre arrancados á vida provinciana, a boa graça nacional e da acção dramatica, commovedora e empolgante, realça o perfume do alto espirito que a idealizou, a architectou, e a poz em pé. Em todos os theatros onde se falla a lingua de Camões, tem sido representada essa peça que está traduzida para umas poucas de linguas e mais de uma vez tem sido interpretada tambem por artistas estrangeiros.

Outro theatro que já fechou tambem as suas portas foi a **Trindade**. A companhia de Taveira que lá representou vae em breves dias desembarcar no Rio de Janeiro, precedendo este numero de duas semanas. Leva na sua bagagem theatral um longo repertorio que ha-de merecer do publico fluminense habitudo ha muito a saber o que é theatro, os mesmos applausos que aqui obteve, e uma das primeiras peças que por certo ahí representará ha de ser a ultima que deu em Lisboa, uma peça portugueza de lei, escripta por dous escriptores que o Brasil conhece litteraria e pessoalmente: Cunha e Costa e Machado Correia.

A *Musa dos estudantes* nasceu drama, cresceu, e está hoje transformada em operetta, com versos de Machado Correia e musica de Del Negro. É uma peça vigorosa e patriotica que termina gloriosamente na batalha do Vimieiro, com a collaboração brilhante de um scenographo que está fazendo prodigios artisticos, Eduardo Machado. Passa-se a acção em Coimbra, com todo o pittoresco e toda a poesia da vida academica. A gentil *Clarinha* das arrufadas em torno da qual gira a intriga amorosa foi muito graciosamente interpretada por Georgina Cardoso que lhe soube dar toda a vivacidade e sentimento. Muito engraçada Bella Dyson no tambor do 32; felizes Almeida Cruz no personagem de Junot e Gomes no de Frei José, e todos os restantes artistas muito dignos de applausos pelo conjunto dado á peça, cuja musica agradou sem favor.

Cunha e Costa é um prosador brilhante que tantas vezes tem enriquecido o *Brasil-Portugal* com a sua collaboração, Machado Correia é um poeta facil e gracioso, eximio em *complets*, conhecido de theatro a valer, e que ainda ha pouco obteve um exito nunca visto com a sua revista *O anno em tres dias* que a companhia de José Ricardo está talvez a esta hora representando tambem no Brasil.

E para que todas as companhias portuguezas estejam em villegiatura, a que ainda resta, a do **Gymnasio** parte tambem um d'estes dias para o Porto. Vae o grande actor José Antonio do Valle com a sua *troupe*, offerecer noutes de boa e sã alegria aos povos do norte. Rir é ainda uma grande cousa, não só na vida como no theatro...



Retrato da actriz Emilia Adelaide